

O advogado mora às margens do Lago Paranoá, em Brasília, numa residência tomada por esculturas como a do rinoceronte de bronze, que guarnece a porta de entrada



ADVOGADO DO PODER

Craque em crise, política e mídia

Quem é e o que pensa Antonio Carlos de Almeida Castro, o advogado que atua nos mais rumorosos escândalos de corrupção do país. Kakay, como é conhecido, defende 20 dos 81 senadores. Ultimamente, tem aparecido ao lado de clientes como o senador Demóstenes Torres e a atriz Carolina Dieckmann.

Brasília

FÁBIO SCHAFFNER e KLÉCIO SANTOS

Um enorme rinoceronte esculpido em bronze guarnece a porta de entrada, um colosso de 6,78 metros em madeira de demolição, cujo puxador é um trilho de trem.

Tudo é superlativo na casa de Antonio Carlos de Almeida Castro, o Kakay, inclusive a verve do anfitrião, um dos mais influentes advogados de Brasília e especialista em defender políticos encrencados.

Do escritório, decorado com uma escultura de Salvador Dali e fotos ao lado de Roberto Carlos, Pelé, José Sarney, Lula, ACM e José Dirceu, ele tece a estratégia de defesa de seus clientes – um portfólio que abriga três ex-presidentes da República, dezenas de ex-governadores e ex-ministros, artistas, empresários e banqueiros. Atualmente atua para 20 dos 81 senadores.

Aos 56 anos, o mineiro de Patos de Minas vive o momento de maior visibilidade. Advoga para o senador Demóstenes Torres e o governador Marconi Perillo (GO) no escândalo do bicheiro Carlinhos Cachoeira, defende o publicitário Duda Mendonça no processo do mensalão – no qual atua em parceria com o criminalista gaúcho Luciano Feldens – e foi contratado por Carolina Dieckmann para processar os responsáveis por vazarem na internet as fotos da atriz nua. Kakay está em todas, principalmente se a encrenca virar notícia:

– É chato dizer isso, mas nas causas de maior repercussão eu sou, pelo menos, consultado.

A despeito de tamanho prestígio, Kakay aceita um de cada 50 casos que chegam ao seu escritório. Se não gosta do processo, se dá ao luxo de dispensar clientes milionários, repassando-os para advogados amigos.

Filho de um fazendeiro falido e de uma dona de casa, Kakay só cursou Direito graças à insistência de um tio que cansou de ver o sobrinho na esbórnia. Ele teria casa, comida e roupa lavada, desde que passasse no vestibular da Universidade de Brasília. Kakay chegou à Capital Federal nos estertores do regime militar e, pela primeira vez, se dedicou aos estudos.

Sucesso é creditado aos erros dos acusadores

Formado, desprezou pós-graduação, mestrado ou doutorado. Kakay aperfeiçoou a lábia lidando na defesa de poderosos. Esquerdista convicto, eleitor de Lula e amigo íntimo de José Dirceu, ele diz ter trabalhado mais para políticos de direita do que para o PT.

Em 2002, Kakay foi chamado pelo ex-presidente José Sarney, após a apreensão de R\$ 1,38 milhão na empresa do genro, Jorge Murad. À época, Roseana Sarney despontava como favorita na campanha presidencial. Visto com desconfiança pela entourage do PFL, pediu que as 30 pessoas que estavam palpitando no caso o deixassem a sós com Roseana.

– Ficaram me olhando torto. Imagina, eu era visto como alguém próximo ao PT. O presidente Sarney permaneceu e eu pedi que ele também saísse.

A partir dali, ele passou a me respeitar. Desde então, somos grandes amigos.

A discordância ideológica, para Kakay, jamais pode interferir na avaliação jurídica dos processos. Ao assumir a causa de um político, ele atua no tribunal, no Congresso e também na mídia, gerenciando a crise e amenizando os prejuízos à imagem do acusado. O pacote faz dele um dos mais caros advogados do país.

Com a fortuna acumulada na órbita do poder, Kakay construiu uma casa de três pavimentos, espalhada por 20 mil metros quadrados às margens do Lago Paranoá. A decoração reflete a extravagância do dono. São escassos os cantos sem alguma obra de arte. Há quadros de Iberê Camargo, Juarez Machado e Siron Franco, várias esculturas de Sonia Ebling. Nas paredes, espelhos e vitrais, pululam trechos de poemas, frases de romances. No subsolo, mantém uma adega de dois andares, abastecida com 4 mil garrafas de vinho.

No terceiro casamento e com três filhos, Kakay é um boêmio. Sócio do Piantella, o mais badalado restaurante de Brasília, passa pelo menos três meses por ano em férias pela Europa. Apesar da fama de bon vivant, jamais se afasta do celular. Já teve de voltar às pressas de Paris, chamado por um cliente. O segredo do sucesso, afirma, são os erros cometidos pelos algozes de seus clientes.

– Brigo muito com o Ministério Público, mas todo dia de manhã faço uma oração para agradecer aos promotores – diz.

fabio.schaffner@gruporbs.com.br
klecio.santos@gruporbs.com.br

ZEROHORA.COM

Leia a íntegra da entrevista com o advogado Kakay em www.zerohora.com.

ENTREVISTA

Antonio Carlos de Almeida Castro o Kakay, advogado criminalista

“Tem escândalo, eu boto a cara”

O advogado recebeu ZH na manhã da última terça-feira em sua residência em Brasília. Durante uma hora e meia, falou sobre os casos polêmicos em que atua.

Zero Hora – Em tempos de CPI e julgamento do mensalão, como está o mercado para advogados criminalistas em Brasília?

Kakay – Está bom. Tenho muitos clientes políticos porque eles têm foro privilegiado e as sedes do Supremo e do STJ são aqui. Mas em pouco tempo os políticos vão extinguir o foro. A pressão é enorme. Um ministro do STF me disse: “Temos de começar a condenar, porque a pressão é muito grande”.

ZH – O senhor é contra o foro privilegiado?

Kakay – Como advogado, é interessante porque a maturidade de um tribunal é muito importante para os processos de repercussão. Henrique Meirelles era presidente do Banco Central e queriam prendê-lo. Imagina a repercussão internacional, o prejuízo à credibilidade do Brasil. Para você afastar do cargo alguém que representa o Estado, é preciso cabelo branco. Mas eu detestaria ter foro privilegiado. O mensalão, por exemplo, está sendo julgado pelo STF. Perdeu, só pode recorrer a Deus.

ZH – Como o senhor avalia a pressão sobre o Supremo no julgamento do mensalão?

Kakay – É grave. A pressão é indecente e desmerece o Poder Judiciário. Processo não pode ter nome na capa, nem ser tratado de forma diferente dos demais. O Supremo terá de mostrar que é supremo.

ZH – O senhor é muito amigo de José Dirceu. Por que não o defende no caso do mensalão?

Kakay – Ele me procurou e eu disse: “Zé, você deve ter um advogado do PSDB, que não seja ligado a ninguém do PT ou ao governo, porque esse processo vai ser politizado e não há nada contra você”. Indiquei o José Carlos Dias, que foi ministro da Justiça do PSDB, mas já atuava para o Banco Rural (envolvido no mensalão).

ZH – O senhor é amigo do ex-presidente Lula e do ministro do STF Gilmar Mendes. Quem errou naquele mal explicado encontro?

Kakay – Tenho o maior apreço pelo Gilmar e não quero fazer análise. Mas sei que as questões não se passaram com aquela veemência que ele disse. Fui consultado por pessoas que estavam no encontro e acho que o episódio foi péssimo para o Supremo.

ZH – Na defesa do senador Demóstenes Torres, a sua tese é de que as escutas são ilegais. Como o

senhor viu a decisão da Justiça de que são legais?

Kakay – Trabalho muito nos erros do Ministério Público e da Polícia Federal. E comete muito mais erros quem está no afo de aparecer na imprensa. A minha tese é imbatível no Supremo. Demóstenes tem foro privilegiado e foi investigado durante três anos de forma indireta, dolosamente. A PF sabia, os procuradores sabiam e o juiz sabia. Tanto é que tem um momento gravíssimo no processo em que o procurador fala: “Não pode ir para o Supremo, porque no Supremo não vai dar em nada”. É um acinte ao Poder Judiciário.

ZH – É recorrente a polêmica das escutas ilegais de quem tem foro privilegiado. O MP está errando?

Kakay – Ganho nos erros, nos abusos e na pretensão. Policiais, membros do MP e juizes de primeiro grau acreditam que são justiceiros e que os tribunais superiores são lenientes. Fazem um mal inacreditável à credibilidade do Judiciário, porque, quando a gente ganha, e temos ganhado muito, passa a impressão para a população de que o STJ e o STF são compreensivos, para não dizer coniventes.

ZH – O ex-ministro Márcio Thomaz Bastos tem sido muito criticado por defender Carlinhos Cachoeira. Como o senhor vê essa situação?

Kakay – É o fim dos tempos. Quando a sociedade vê um cidadão com dinheiro, fama ou poder sendo acusado, não quer saber se foram cumpridos os ritos processuais. Ela veste a máscara da hipocrisia e tem um regozijo íntimo com aquilo. É a maldade humana. A vida dá e tira. Um dia uma arbitrariedade dessas bate na pessoa, aí ela quer o devido processo legal, quer um advogado. Isso é perigoso. Há uma confusão entre advogado, cliente e crime. Nunca quis ser juiz, então não faço juízo moral. Se pego uma causa – e tenho critérios para isso – me entrego totalmente.

ZH – Quais são seus critérios?

Kakay – Hoje em dia, com a exposição na imprensa, pego poucos casos. Tem de ser um que eu goste e que ache que tenho chance, mesmo que me traga problemas. Quando defendi Salvatore Cacciola (banqueiro), a minha mulher na época era uma intelectual de esquerda e não entendia. O caso de Roger Abdelmassih (médico condenado por estupro de dezenas de pacientes) eu não quis pegar. Tinha uma relação pessoal com ele, conversei e não gostei do processo em si.

“

Não foi produzida prova nenhuma contra a grande maioria das pessoas (envolvidas no processo do mensalão), então acredito que o Supremo vai dizer a que veio. Se fizer um julgamento técnico, sairá melhor do que está hoje.

“

Na advocacia, você tem de estudar muito, mas tem de gostar mais do mundo do que do Direito. Uma vez levei uma estagiária para falar com o ministro Evandro Lins e Silva e perguntei que conselho daria a um estudante. Ele disse: ‘Leia clássicos, leia literatura, leia revistas, jornal. Se sobrar tempo, leia Direito’.

ZH – Não gostar de um caso é enxergar culpa do cliente?

Kakay – Absolutamente. Já advoguei para gente que falou: “Matei fulano de tal”. Peguei o processo. Minha defesa é técnica, não sou juiz.

ZH – O senhor dorme tranquilo?

Kakay – Só não durmo tranquilo quando vejo uma injustiça contra um cliente.

ZH – Até quando há indícios de culpa?

Kakay – Você só pode pegar uma causa se você for defendê-la no bar, em casa, em qualquer lugar. Não gosto de advogado que chega em restaurante e mete pau no cliente. Ainda mais hoje que tudo é gravado. No dia do depoimento do governador Marconi Perillo à CPI, ele começou a falar demais. Escrevi um bilhete: “Não fale o que você não sabe, fique calado”. Tiraram foto e publicaram no jornal.

ZH – O senhor prefere a crise política ou a disputa jurídica?

Kakay – A jurídica. Mas não posso negar que me acostumei ao embate político. Tem escândalo, eu boto a cara. A defesa tem de ser técnica, inclusive com a imprensa. Sei mais o que falar sobre o processo do que os meus clientes.

ZH – Como é que o senhor se tornou advogado da Carolina Dieckmann?

Kakay – Já conhecia a Carolina, temos amigos em comum. Chegou a sair uma matéria dizendo que eu tinha aceitado para melhorar a imagem no caso do Demóstenes, falaram até em a Bela e a Fera. Mas em primeiro lugar pensei na Carolina. Para mim, foi bom porque ela é linda.

ZH – O senhor viu as fotos?

Kakay – Lógico! Expliquei a ela que a briga era ruim, que teria audiência e que ela teria que encontrar o cara que roubou as fotos. Ela falou que era um absurdo passar por isso com um filho de 13 anos. Depois de quatro horas de conversa, ela decidiu entrar na Justiça. Em quatro ou cinco dias, conseguimos encontrar os autores. Comecei uma discussão de ter de buscar no Direito Penal algo para processar os caras, porque não existia legislação. Passados 15 dias, o presidente da Câmara fala: “Vamos passar a Lei Carolina Dieckmann”. Essas são as vantagens de casos com publicidade.

ZH – É raro o senhor atuar na acusação? Tem preferência pela defesa?

Kakay – Não gosto de acusar. Faço muito esporadicamente. Nem costume analisar muito. Tenho o vício da defesa.

ZH – O senhor é supersticioso, mas comprou um cemitério. Tem medo da morte?

Kakay – Medo, não, queria ver se conseguiria ganhar algum dinheiro com ela.

ZH – O senhor é vaidoso?

Kakay – Todo criminalista é vaidoso. A vaidade é o pior problema do advogado.

ZH – Qual o pior cliente?

Kakay – É o que chega dizendo: “Fizeram uma tremenda injustiça comigo.” O melhor é o que me diz: “Dei um cano de R\$ 1 bilhão em tal lugar”. Ele sabe que deu, sabe o risco que está correndo e ele pode te pagar. (risos)

Kakay sugeriu ao amigo José Dirceu que pegasse um advogado ligado ao PSDB para defendê-lo no processo do mensalão

